

O LIVRO INFANTOJUVENIL *O MENINO MÁGICO*, DE RACHEL DE QUEIROZ: POTENCIALIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

PRUCINA DE CARVALHO BEZERRA¹
JAQUELÂNIA ARISTIDES PEREIRA²

RESUMO

Este trabalho³ apresenta uma análise do livro infantojuvenil *O Menino Mágico*, da escritora cearense Rachel de Queiroz, destacando a sua contribuição para a formação de leitores críticos no ensino fundamental. O livro conta a história de Daniel, um menino que tinha seus desejos de “faz de conta” realizados de maneira inesperada, uma vez que tinha poderes mágicos. Junto de seu primo Jorge, Daniel decide ir a um programa de TV disputar prêmios. Essa experiência faz com que ele se depare com muitos problemas causados por suas mágicas e mentirinhas inocentes. O presente trabalho tem como objetivo principal pôr em evidência o potencial da obra *O Menino Mágico* como instrumento para a prática de uma pedagogia voltada para estimular a imaginação dos leitores, bem como para desenvolver metodologias significativas de letramento literário na escola. Utilizamos como referencial teórico as pesquisas de Coelho (2000), Dias (2010) e Cosson (2021; 2020). Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, mais especificamente de cunho temático e bibliográfico. Os procedimentos metodológicos

- 1 Mestranda do Curso de Mestrado Interdisciplinar em História e Letras – MIHL da Universidade Estadual do Ceará – UECE/Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, prucina.bezerra@aluno.uece.br;
- 2 Professora orientadora: Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2010) e mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2002). Docente do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras – MIHL/Universidade Estadual do Ceará – UECE/Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, jaquelania.pereira@uece.br.
- 3 Este artigo é resultado parcial de dissertação de Mestrado em andamento.

consistem na leitura e análise do livro *O Menino Mágico*. Como resultados parciais evidenciamos que a obra literária em destaque constitui um grande potencial para os professores criarem situações de leitura criativa a partir da imaginação simbólica e de debate na sala de aula para turmas do ensino fundamental, em torno do estímulo ao gosto pela leitura do texto literário e ao desenvolvimento da consciência crítica do leitor.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil, O Menino Mágico, Rachel de Queiroz.

INTRODUÇÃO

A educação escolar no Brasil é historicamente marcada por práticas de ensino que visam à manutenção do modelo de sociedade colonial caracterizada pela perpetuação dos interesses das classes dominantes. Sendo assim, as práticas pedagógicas têm servido à propagação da ideologia dessas classes e do modo de vida imposto pelo sistema capitalista que visa tão somente ao lucro.

Há, pois, uma clara necessidade de superação desse modelo de ensino rumo a uma educação humanizadora, que ensine o respeito à diversidade e que possa ser capaz de transgredir os limites que ainda marcam o modelo educacional vigente. É de suma importância repensar as práticas pedagógicas utilizadas no dia a dia da sala de aula a fim de contribuir para uma educação que tenha como finalidade a emancipação, a liberdade, a inclusão e a formação de cidadãos críticos, conscientes dos seus direitos e deveres. Para tanto, faz-se necessário levar em consideração a pluralidade cultural, racial, de gênero, bem como as temáticas da desigualdade social, das diferenças, do cuidado com o planeta e da compreensão da condição humana.

Assim, a leitura do texto literário na sala de aula pode ser um ponto de partida para a abordagem crítica de temáticas que são caras à humanidade e que podem contribuir para a formação de pessoas mais críticas e mais participativas na construção de um mundo mais justo.

Este trabalho apresenta uma análise da obra *O Menino Mágico*, primeiro livro da escritora cearense Rachel de Queiroz voltado ao público infantojuvenil, publicado em 1969 e vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura Infantil, destacando a sua contribuição para a formação de leitores críticos no ensino fundamental.

Ao nos voltarmos para essa obra, por sua constituição e procedimentos de escrita (linguagem, informalidade, tematizações, processos de assimilação, problematização de questões da vida comum), torna-se possível perceber grande potencial no que tange a estimular tanto a percepção das margens do texto literário por parte da criança/jovem, quanto sua imersão ativa dentro dessas margens, levando-o a compreender criticamente o que está nas entrelinhas do texto, para além do que está literalmente escrito. Assim, entendemos que o referido livro pode possibilitar aos professores de Língua Portuguesa dos

primeiros anos do Ensino Fundamental II a realização de atividades de leitura que abordem aspectos da diversidade cultural, da diversidade de saberes e os diferentes modos de viver em tempos e espaços geográficos distintos.

O presente trabalho tem como objetivo principal pôr em evidência o potencial da obra *O Menino Mágico*, de Rachel de Queiroz, como instrumento para a prática de uma pedagogia voltada para estimular a imaginação dos leitores, bem como para desenvolver metodologias significativas de letramento literário na escola. Utilizamos como referencial teórico as pesquisas de Coelho (2000), Dias (2010) e Cosson (2021; 2020). Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, mais especificamente de cunho temático e bibliográfico. Os procedimentos metodológicos consistem na leitura e análise do livro *O Menino Mágico*. Como resultados parciais evidenciamos que a obra literária em destaque constitui um grande potencial para os professores criarem situações de leitura criativa a partir da imaginação simbólica e de debate na sala de aula para turmas do ensino fundamental, em torno do estímulo ao gosto pela leitura do texto literário e ao desenvolvimento da consciência crítica do leitor.

Portanto, a partir da obra literária em destaque, os professores e professoras podem gerar possibilidades de leitura crítica para turmas do ensino fundamental II, apoiados nas propostas de letramento literário de Cosson (2021, 2020), a fim de abordar temáticas como pluralidade cultural, a diversidade de saberes e os diferentes modos de viver em tempos e espaços geográficos distintos.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de cunho temático e bibliográfico, cujos procedimentos metodológicos consistem na leitura e análise do livro *O Menino Mágico*, de Rachel de Queiroz. Tal análise embasa-se, principalmente, no “conjunto de princípios e hipóteses teóricas” que Coelho (2000) propõe “como uma espécie de gramática” para compreender o texto literário, bem como em outras sugestões para o estudo de obras de literatura abordadas pela autora.

Uma vez que se trata de uma pesquisa voltada a uma temática mais ampla e subjetiva, como a formação de pessoas críticas a partir da leitura de textos literários na escola, a abordagem utilizada foi a

qualitativa, definida por Minayo (2003, p. 21) como aquela que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis”.

Quanto aos métodos ou procedimentos, esta pesquisa caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, tendo em vista que está embasada em estudos já realizados sobre a temática em questão, corroborando assim, com a definição de pesquisa bibliográfica utilizada por Lakatos e Marconi (2001, p. 183):

[...] A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

No decorrer do presente estudo, realizamos leituras e pesquisas em livros, artigos e revistas, que nos permitiram aprofundar o conhecimento sobre a temática da literatura como instrumento potencializador para a formação de leitores críticos.

Tendo em vista que se trata de uma pesquisa bibliográfica foram considerados e analisados estudos já realizados sobre a importância das práticas de letramento literário para a formação de leitores críticos, além da análise do livro *O Menino Mágico*, de Rachel de Queiroz.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Menino Mágico (1969) é o primeiro livro de Rachel de Queiroz voltado ao público infantojuvenil e conta a história de Daniel, um menino de seis anos que tinha seus desejos de “faz de conta” realizados de maneira inesperada, uma vez que, com imaginação fértil, tinha poderes mágicos e conseguia viajar durante o sono para os mais incríveis lugares e fazer coisas que um menino normal nem sonharia. Junto de seu primo e melhor amigo Jorge, Daniel decide ir a um programa de TV disputar prêmios. Essa experiência faz com que Daniel se depare

com muitos problemas e confusões causados por suas mágicas e mentirinhas inocentes.

A fim de analisar a obra em questão, seguiremos, principalmente, o “conjunto de princípios e hipóteses teóricas” que Coelho (2000) propõe “como uma espécie de gramática” para compreender o texto literário, bem como outras sugestões para o estudo de obras de literatura abordadas pela autora.

Quanto à natureza estrutural da *efabulação* do livro, o mesmo inicia de imediato com o motivo principal da história que consiste na capacidade que a personagem Daniel possui de fazer mágicas. Logo nas páginas iniciais, já são narradas as primeiras mágicas que Daniel realizou.

A sequência dos fatos dá-se de forma linear. Os mesmos são narrados com concisão e objetividade, seguindo em linha reta até o final, uma vez que o livro se inicia narrando a primeira mágica de Daniel e evolui narrando as mágicas posteriores feitas por ele e as consequências advindas de cada uma delas.

A história surge de uma situação inusitada que desequilibra a vida normal das personagens. Tal situação consiste no fato de Daniel começar a fazer mágicas.

As personagens do livro podem ser classificadas como personagem-individualidade, que, conforme Coelho (2000), é “típica da ficção contemporânea” e, diferente da personagem tradicional, que podia ser rotulada como boa ou má, generosa ou egoísta, nobre ou vil, é apresentada ao leitor por meio das complexidades, imprecisões e ambiguidades de suas questões interiores. Cada uma das personagens da obra *O Menino Mágico* possui características individuais e bem distintas uma da outra, sendo que nenhuma delas é vista como superior. São personagens complexas e ambíguas, pois são reveladas tanto suas qualidades, como seus defeitos, impulsos, medos, etc. Vejamos: Daniel tem seis anos, não gosta nada de estudar, é teimoso, meio “malino,” não gosta de futebol, gosta de aventuras, de ir no Jardim Zoológico e ver bicho feroz e de tomar banho de mar. Já o irmão de Daniel é estudioso, lê bastante, adora futebol e não aprecia nenhuma das coisas que Daniel estima. Jorge, primo de Daniel, tem sete anos e meio, é muito inteligente, tinha grande interesse por Matemática e gostava muito de dinheiro. Quanto às personagens adultas, Luízinha, mãe de Daniel, é muito paciente e boazinha, mas não é tão moderna quanto a

mãe de Jorge, D. Zezé, que tinha morado nos Estados Unidos, quando o marido foi fazer um curso. As personagens secundárias são: a cozinheira, que é descrita como “uma tal de velha bastante enjoada que não gostava de criança” (QUEIROZ, 1978, p. 8), o irmão de Jorge, que já era rapaz e ia entrar para a Escola Militar, o detetive Moreira, apelidado de Carcará, os avós das crianças que se mostram cuidadosos e pacientes com os mesmos e os pais deles que são um pouco mais firmes diante das travessuras dos filhos.

As crianças são representadas de forma realista, mostrando os sentimentos e comportamentos peculiares a esta fase da vida, como é o caso da fúria que Daniel, seu irmão e Jorge sentem ao serem chamados de “nenen” e/ou de “menininho pequeno” pelos irmãos ou colegas e das traquinagens realizadas por Daniel e Jorge, rompendo assim, com a visão romântica da infância e com o modelo de criança perfeita, que consistia na total obediência aos adultos.

Faz-se presente a valorização do espírito comunitário, pois apesar de Daniel ser o que sabe fazer mágicas, ele sente a necessidade da parceria com Jorge nas aventuras. Inclusive, é oportuno ressaltar que, apesar da grande contribuição do poder das mágicas de Daniel para a superação dos problemas, Jorge, com sua inteligência, também desempenha um importante papel na resolução dos obstáculos com que se deparam.

Quanto ao gênero, ou seja, a forma narrativa dominante e/ou espécie literária do livro, *O Menino Mágico* trata-se de uma novela, pois é composto por pequenas narrativas que giram em torno das aventuras de Daniel causadas pela sua capacidade de fazer mágicas. Predominando, portanto, o interesse pelos acontecimentos, pelo que as personagens fazem, em detrimento de seus problemas interiores e do que elas são.

No que diz respeito às características dos recursos naturais, Rachel de Queiroz utilizou uma linguagem popular, exemplo disso são a palavra “malino” e a expressão “e quase deu uma coisa”. A sintaxe é simples, havendo inclusive, a repetição de palavras na mesma frase ou período, como por exemplo, a palavra “mar”, na página 12, na frase em que compara o rio ao mar e o termo “Juiz de Menores”, no segundo parágrafo da página 20. Predominando a narração sobre os eventuais diálogos, os fatos são vistos e retratados a partir da ótica de um narrador em

3ª pessoa, totalmente onisciente, cuja voz é familiar e consciente da presença do leitor.

A Linguagem narrativa desta obra consiste no que Coelho (2000, p. 82) define como aquela que é utilizada pelo Realismo Mágico

Na ficção contemporânea, surge uma forma híbrida de linguagem narrativa: a que resulta da fusão da linguagem realista com a simbólica. Trata-se da linguagem usada pela ficção do Realismo Absurdo ou Realismo Mágico, no qual o cotidiano mais comum passa a conviver com um elemento estranho ou maravilhoso, que ali é visto como absolutamente natural.

Sendo assim, o livro *O Menino Mágico*, que se trata de uma história vivida por pessoas comuns que, de repente, passam a presenciar o menino Daniel fazer mágicas, as quais são vistas com naturalidade, principalmente pelas outras crianças, utiliza os recursos linguísticos que representam o cotidiano do mundo real unidos à linguagem simbólica, própria do mundo abstrato, resultando numa linguagem híbrida.

É perceptível que o ato de contar está presente no corpo da narrativa, seja porque ela tem início com a expressão “era uma vez”, seja por meio de outros indícios que mostram que o narrador tem consciência de que se dirige a um destinatário, como é o caso da repetição do conectivo “e” e do advérbio “aí” em algumas passagens do livro, que denunciam marcas da oralidade, além das explicações pormenorizadas de algumas expressões como por exemplo, quando explica o que significa “crianças desacompanhadas”.

A maior parte do enredo se passa no apartamento em que vive a família de Daniel, localizado no Leblon, bairro do Rio de Janeiro, sendo que ao longo da intriga, as personagens chegam até o bairro vizinho, São Conrado, para onde fogem os meninos Daniel e Jorge, ao que logo após, retornam ao apartamento, configurando, assim, como espaço social, que é aquele modificado pelo homem, e, desempenhando a função estética, pois aparece como simples cenário, situando as personagens e a efabulação, a fim de dar verossimilhança à história.

Uma questão que merece destaque, no que diz respeito ao espaço, é que ao descrever uma das mágicas de Daniel, em que ele transforma a cama em avião, o narrador conta que ele faz o mesmo percurso que fez da vez em que foi ao Ceará “sem ser de mágica,” mostrando assim,

que Daniel e sua família costumavam realizar o mesmo trajeto que outras personagens dos romances de Rachel de Queiroz realizam, ou seja, do Rio de Janeiro ao Ceará, trajeto este feito também pela escritora durante toda a sua vida, uma vez que ela vivia entre o Rio e sua fazenda, localizada no município de Quixadá-CE.

Apesar de o livro começar com “era uma vez”, expressão que geralmente marca a indeterminação do tempo, pode-se considerar que, em *O Menino Mágico*, o tempo é histórico, pois há alguns indícios da época em que se passa a história. Exemplos desses indícios são: a referência feita ao Estado da Guanabara, que foi um estado do Brasil de 1960 a 1975; o nome da moeda vigente era “cruzeiros novos”, que circulou no Brasil no período entre 1967 e 1970 e referências a posturas e valores inerentes a uma época em que prevalecia o autoritarismo, como é o caso do padre do colégio em que o irmão de Daniel estudava, ao chamar-lhe a atenção por colocar figurinhas de jogador de futebol na capa do caderno e a forma como é descrito o soldado Moreira, o Carcará, isto é, um detetive que “*pega e mata*”, caracterização esta coerente com o governo ditatorial da época. Tais elementos comprovam que o tempo da narrativa é contemporâneo ao tempo em que a autora vivia quando escreveu o livro.

A matéria narrativa pertence ao mesmo presente de sua autora, pois na época em que ela escreveu o livro era muito pertinente a temática urbana na literatura infantojuvenil, tendo em vista as problemáticas que estavam surgindo com o acelerado crescimento das cidades. Algumas dessas problemáticas são abordadas no livro, por exemplo: os perigos de andar de bicicleta nas ruas devido ao trânsito caótico; as crianças não poderem andar na rua desacompanhadas e o conflito gerado entre adultos e crianças pelo interesse destas em assistir a determinados programas exibidos na TV e a consequente proibição por parte dos pais, mães e/ou cuidadores.

A ordem dos fatos na estrutura narrativa obedece à sequência temporal linear, seguindo o fluxo natural dos acontecimentos. Estando o encadeamento temporal ligado à problemática central da obra que consiste na descoberta por parte da personagem Daniel de que é capaz de fazer mágicas e as consequências advindas das mágicas que ele vai realizando.

A invocação ao leitor ou ouvinte faz-se presente no livro no momento em que o narrador faz um intervalo para apresentar uma

nota em que convida as crianças que estão lendo a história a resolverem o problema que a personagem Jorge recebeu do irmão. Após apresentar tal problema, ele indaga se os meninos o resolveram: “Bem, resolveram, meninos? Ninguém espiou nas páginas adiante? Palavra de honra, sem fazer figa com a mão pra atrás? Ah, vocês aí, não resolveram? Turma fundinha, hem? Pois enquanto isso, meus amigos, o nosso prezado Jorge...” (QUEIROZ, 1978, p. 61). Nota-se que o apelo ao leitor é realizado de forma descontraída, num tom de familiaridade e amizade com o mesmo.

Percebe-se no livro, que a intenção de realismo e verdade se alterna com a atração pela fantasia, pelo mágico, fazendo com que desapareçam as fronteiras entre real e imaginário num processo em que o pensamento mágico possibilita a convivência natural entre ambos os mundos.

Coelho (2000, p. 158), ao caracterizar as linhas ou tendências de criação literária e seus desdobramentos, afirma que o realismo mágico é composto por

Obras em que as fronteiras entre realidade e imaginário se diluem, fundindo-se as diferentes áreas para dar lugar a uma terceira realidade, em que as possibilidades de vivências são infinitas e imprevisíveis. Situações centradas no cotidiano comum, em que irrompe algo “estranho”, que é visto ou vivido com a maior naturalidade pelas personagens.

Em *O Menino Mágico*, essa terceira realidade advém das mágicas realizadas por Daniel para solucionar dificuldades comuns que surgem no dia a dia. As mágicas de Daniel, que consistem no algo “estranho”, são vistas com naturalidade pela maioria dos outros personagens do livro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme o estudo realizado por Coelho (2000), a referida obra se insere no âmbito do realismo mágico, o qual compõe a linha do realismo cotidiano que é uma das tendências da literatura infantojuvenil contemporânea. De acordo com a autora

O que hoje define a *contemporaneidade* de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso (COELHO, 2000, p. 151).

Este livro de Rachel de Queiroz pode ser considerado uma obra de literatura infantil contemporânea porque consiste num grande potencial para a formação de cidadãos criativos, críticos e conscientes do seu papel enquanto sujeitos ativos na sociedade em que estão inseridos.

Uma marca da contemporaneidade presente na obra é a ausência da exemplaridade como intenção pedagógica da literatura, embora o livro transmita algumas lições de vida, como por exemplo, o ensinamento de que é feio mentir e de que mentirinhas inocentes que as crianças venham a inventar podem levar a sérias consequências. Porém, tais lições são repassadas de forma humorada e por meio de uma relação harmônica entre adultos e crianças, em que estas são ouvidas e têm sua opinião e sentimentos valorizados.

Além disso, nesse livro são abordados temas que podem estimular a consciência crítica do leitor, como por exemplo, ao levá-lo à reflexão sobre as consequências do ato de mentir, a importância de confiar na família e sobre aspectos culturais religiosos, pois de acordo com Dias (2010):

A conexão de Daniel com a nova experiência, ocorrida ao acaso, é acionada por meio de uma espécie de reza, e a magia é traduzida como feitiço pela empregada, perspectiva que se mostra impregnada dos valores cristãos, que a tradição nordestina em que se insere nossa autora reforça. A marca da religiosidade mostra-se clara no momento da transição do menino para um universo em que a magia tornava-se-lhe palpável e dominável: o desejo de livrar-se de uma situação complicada verbaliza-se tal qual reza e instaura em sua vida uma habilidade desconhecida até por ele mesmo (DIAS, 2010, p. 27).

Sendo assim, há a possibilidade de os professores e alunos refletirem sobre a importância do respeito à diversidade religiosa, principalmente em relação às religiões de matriz africana, as quais têm sido ao longo do tempo, alvo de preconceitos e estereótipos, podendo despertar nas crianças e adolescentes a conscientização de que cada pessoa é livre para manifestar sua fé e suas crenças religiosas e, por isso, deve ser respeitada, independentemente da religião que escolher ou da não escolha de nenhuma delas.

Outra temática interessante que o livro traz é a diversidade das formas de conhecimento, pois tanto Jorge, primo de Daniel, como o irmão de Daniel têm sua construção pautada sobre o saber, porém, são saberes diferentes: o irmão de Daniel representa o saber institucionalizado, adquirido por meio de leituras da Enciclopédia e de outros livros, já o saber de Jorge é o saber prático, do dia a dia (DIAS, 2010). Assim, constitui uma excelente oportunidade para que os professores proporcionem aos alunos momentos de reflexão sobre a diversidade de saberes e a importância de cada um deles. Com relação a esse assunto, Freire, no livro *Pedagogia da Autonomia*, alerta para a necessidade do respeito aos diferentes saberes, ao defender que o professor e a escola têm

o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também [...], discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE 2021, p.31).

Embora o saber de Jorge seja mais voltado às atividades práticas da vida social, como contar dinheiro, também estabelece uma relação com os conteúdos escolares, inclusive, “a professora de Jorge tinha dito que aquele menino era um prodígio – que era mesmo um gênio matemático (QUEIROZ, 1978, p. 22).

Percebe-se que a professora, ao estimular Jorge a se dedicar aos conteúdos escolares relacionados aos interesses que ele tinha na vida fora da escola, atende ao que Freire (2021, p.31) sugere: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

Por meio do trabalho com essa obra infantojuvenil, os professores do Ensino Fundamental II podem compor instrumentais para a execução de uma pedagogia capaz de formar cidadãos críticos que se lancem no desafio de compreender o mundo a partir de um olhar sensível para as múltiplas possibilidades de interpretação inerentes ao texto literário. Para isso, sugerimos a exploração e aplicação desse livro de Rachel de Queiroz em sala de aula, a partir das propostas de letramento literário de Cosson (2021, 2020), especialmente a sequência básica, os círculos de leitura e as oficinas de leitura, com a finalidade de orientar o trabalho docente, permitindo a construção de um elenco de possibilidades para uma mediação intercultural, a saber: propostas de itinerários, cuja estrutura possibilite uma ampla e ativa participação dos atores a partir das margens do texto literário e também dentro destas.

O livro *O Menino Mágico*, de Rachel de Queiroz, constitui um grande potencial para os professores criarem situações de leitura criativa a partir da imaginação simbólica e de debate na sala de aula, em torno do estímulo ao gosto pela leitura do texto literário e ao desenvolvimento da consciência crítica do leitor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a urgente necessidade de romper com os modelos educacionais excludentes e pôr em prática uma educação humanizadora que forme pessoas capazes de refletir e de agir a fim de transformar sua realidade, que reivindique seus direitos, que exerçam a solidariedade, o respeito, a tolerância e que tenham habilidades para conviver com o diferente, e, sendo a literatura um instrumento de grande potencial a ser utilizado pela escola para a humanização das pessoas, é de grande importância o trabalho com o texto literário na sala de aula.

Nesse sentido, *O Menino Mágico*, de Rachel de Queiroz, tanto no que diz respeito ao valor literário quanto pelo valor estético, dispõe de grandes potencialidades a serem exploradas pela escola, podendo ser um ponto de partida para a abordagem crítica de temáticas que são caras à humanidade e assim contribuir imensamente para a formação de cidadãos críticos, que questionem o meio em que estão inseridos e possam agir a fim de transformá-lo.

Portanto, a partir da obra literária em destaque, os professores e professoras podem gerar possibilidades de leitura crítica para turmas do ensino fundamental II, apoiados nas propostas de letramento literário de Cosson (2021, 2020), pois as discussões críticas geradas pelo trabalho com a referida obra podem contribuir bastante para o entendimento de questões relacionadas à pluralidade cultural, à diversidade de saberes e à dinâmica dos diferentes modos de viver em tempos e espaços geográficos distintos, ajudando assim, no processo de compreensão da condição humana e, conseqüentemente, na formação de pessoas aptas a construir um mundo mais harmônico e mais justo.

REFERÊNCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DIAS, Ana Creliá. Histórias de Dona Rachel: leitura da trilogia dedicada ao público infantil. Revista Diadorim, Rio de Janeiro, v. 7, p. 25-43, 2010. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2010.v7n0a3904>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3904/15746>. Acesso em: 11 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 69. ed. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina. Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

QUEIROZ, Rachel de. **O menino mágico**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.